

# A epifania thanática do eu: perversão como registro social em *O cobrador* de Rubem Fonseca

Frederico de Lima Silva<sup>i</sup>  
Hermano de França Rodrigues<sup>ii</sup>  
Matheus Pereira de Freitas<sup>iii</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é viabilizar uma reflexão em torno da perversão em sua relação com as manifestações da violência/criminalidade, de modo a favorecer uma observação do fenômeno da perversão para além do seu aspecto exclusivamente estrutural, demonstrando-o como um mecanismo amplo, o qual se relaciona intrinsecamente com a cultura, sobretudo enquanto sintoma social, haja vista não operar apenas no âmbito particular de cada indivíduo, mas também enquanto expressão social. Tendo como baldrame teórico a perspectiva psicanalítica, que compreende a perversão como uma expressão da subjetividade humana, buscaremos analisar os porquês dos atos de violência impetrados pelo protagonista do conto *O cobrador*, do escritor Rubem Fonseca, de modo a demonstrar como seus personagens proporcionam um vislumbre da violência como forma de recusa da castração, de resposta ao mal-estar que opera sobre todos nós, mas de forma mais flageladora em relação àqueles que se encontram à margem no cenário social.

**Palavras-chave:** Literatura; Perversão; Violência; Recusa; Rubem Fonseca.

## *The thanatic epiphany of the self: perversion as a social record in O cobrador by Rubem Fonseca*

**Abstract:** That said, the objective of this article is to reflect on perversion in its relationship with the manifestations of violence/criminality, in order to favor an observation of the phenomenon of perversion beyond its exclusively structural aspect, demonstrating it as a broad mechanism, which is intrinsically related to culture, especially as a social symptom, given that it does not operate only in the particular scope of each individual, but also as a social expression. Based on psychoanalytic perspective theory, which understands perversion as an expression of human subjectivity, we will seek to analyze the reasons for the acts of violence perpetrated by the protagonist of the short story *O cobrador*, by Rubem Fonseca, in order to demonstrate how his characters provide a glimpse of violence as a form of refusing castration, as a response to the malaise that operates in all of us, but in a more flagellating way in relation to those who are on the fringes of the social scenario.

**Keywords:** Literature; Perversion; Violence; Refusal; Rubem Fonseca.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Compartilha Igual 4.0 Internacional  
DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101  
EISSN 2237-0900

<sup>i</sup> Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB). E-mail: fredlimaufpb@hotmail.com.

<sup>ii</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Associado I, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPB). E-mail: hermanorg@gmail.com.

<sup>iii</sup> Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: matheusp1245@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

Ponderando acerca do cenário hodierno da literatura brasileira contemporânea, Antonio Candido (1987) salienta como o teor agressivo e antissocial do ser humano compreende o seu traço mais acentuado. Essa posição crítica de Candido se institui na visão de uma literatura que demarca, entre outros aspectos, como a sociedade brasileira, desde a sua fundação, é marcada por uma arquitetura majoritariamente hierarquizada, onde os espaços reservados a cada sujeito/classe exercem a função de classificá-los enquanto cidadãos e os outros (os que se encontram à margem), isto é, a literatura brasileira hodierna presentifica com maior grau como as relações interpessoais em nossa sociedade sempre se estruturaram na relação entre os que estão acima, privilegiando socialmente, e os que estão abaixo, os quais representam aqueles que mais sofrem com as mazelas, as precariedades presentes na sociedade.

Nesse escopo representativo, a literatura contemporânea dar contornos ao ser humano próprio desse quadro, que é naturalmente conflituoso, regido por um modelo socioeconômico que corrobora para a ampliação dessa querela, onde os sujeitos que se encontram no estrato social privilegiado pouco sofrem com os cerceamentos impostos pelo processo civilizatório, ao mesmo tempo em que impõem sobre os já proscritos o papel de objetos de consumação de um gozo mediante a exploração de sua força de trabalho. Esses sujeitos que se encontram apartados das benesses da elite, sobretudo aqueles pertencentes às camadas desfavorecidas, são os que mais refletem essa condição do homem moderno, conflituoso por excelência, isso porque a desigualdade que incide de forma mais cruel sobre eles, e que expõe a farsa da civilização como mantenedora da equidade entre os seus sujeitos, urde uma reação que põe em xeque as bases do laço social, dando a fenômenos como a violência, a criminalidade e tantas outras montagens do mal a substância necessária à sua atuação.

No *hall* dos principais escritores brasileiros contemporâneos, Rubem Fonseca (1925-2020) se destacou como um dos mais notórios autores a traduzir as inúmeras representações da violência, da barbárie que flagela o cotidiano de nossa sociedade. Fruto de um momento histórico que testemunhou importantes conflitos de escala global, os quais mudaram de forma permanente o modo como indivíduos e sociedades passaram a se correlacionar, Fonseca fez da sua escrita, em especial da sua contística, um palco para dramatização dos desacordos que operam na sociedade sob a forma de violência e criminalidade, os quais, em sua obra, ganham contornos que se dão para além da mera composição descritiva, contemplando tanto o seu componente social quanto constitutivo do sujeito.

Sua escrita mais celebrada surge em meio ao regime militar instaurado em 1964, período que induziu o país tanto a íterim de acentuada repressão, onde os que já tinham pouco poder de voz, passaram a ser perseguidos e a sofrer variadas formas de punição, como a inserção definitiva do modelo predatório capitalista de mercado, principal influenciador do êxodo da campestre para as cidades, nas quais a industrialização prometia melhores condições de vida, mas que, na verdade, exacerbaram a incapacidade do processo civilizatório de dar a todos os sujeitos a igualdade de condições. É representando esse cenário social principiado na década de sessenta que Fonseca ganhará o *status* de, nas palavras de Candido (1987), propulsor da chamada “literatura realista feroz”, “que corresponde à era de violência em todos os níveis do comportamento, agredindo o leitor pela violência dos temas e também dos recursos técnicos, ao mostrar, de modo cru e brutal, a vida do crime e da marginalidade.” (MENDES, 2015, p. 65).

Isso posto, o presente trabalho, que nasce mediante os debates e as reflexões oportunizadas pelo Professor Hermano de França Rodrigues, em sua disciplina *Literatura e Psicopatologia*<sup>1</sup>, tem como objetivo analisar os atos de violência narrados no conto *O cobrador*, do escritor Rubem Fonseca, a partir de um enfoque psicanalítico, o qual pretende demonstrar os fenômenos que operam coletivamente na arquitetura do seu protagonista, sem que isso, claro, reduza o problema ao indivíduo, levando em consideração que a criminalidade, a delinquência, a violência são fatos complexos da natureza humano em seu contexto civilizatório, o que nos obriga a pontuar breve e tangencialmente, além do argumento psicanalítico, aspectos sociológicos, pois, assim como assinalou Lacan (1998 [1950]), é impossível compreender o crime e o criminoso fora de uma referência social de sua manifestação/conduta.

Sendo assim, a nossa hipótese é a de que os atos de violência perpetrados pelo protagonista da narrativa de Rubens Fonseca se dão, em grande parte, por um ambiente de desmentido social que viabiliza e impele o sujeito tanto a uma negação do cerceamento a que está submetido, isto é, uma recusa da castração, como uma reação ante o paradoxo inviabilizante do contrato social, os quais engendram consequências graves nos modos de instituição do sujeito no corpo/no laço social, nos contornos de subjetivação da atualidade.

---

<sup>1</sup> Ministrada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, no semestre 2022.1.

## VIOLÊNCIA, LITERATURA E PSICANÁLISE: CONVERGÊNCIAS

A problemática da violência/criminalidade ocupa um lugar de destaque no panorama mundial, haja vista que se trata de um fenômeno que aflige as sociedades independentemente do patamar de desenvolvimento socioeconômico em que a nação se encontra, compreendendo a pauta principal de todos os projetos de segurança pública. Todavia, sabe-se que em países subdesenvolvidos, como é o caso do Brasil, para que se possa delinear o fenômeno do crime, é imprescindível debruçar-se sobre o tema a partir de uma ótica de composição da sociedade e de como isso interfere, sobremaneira, no modo como os laços sociais são urdidos e diluídos.

As múltiplas formas de desigualdade que acometem uma sociedade, mesmo que não constituam um pressuposto universal para o desencadeamento da criminalidade e, por consequência, da violência, tendem a elevar consideravelmente esses fenômenos. Estudos como os de Rawls (1971) apontam para o fato de que nove por cento de todos os óbitos que ocorrem anualmente no mundo são frutos de alguma forma de violência, que, apesar de variar conforme a localização geográfica, sempre recaem com maior severidade nos países pobres e em desenvolvimento.

Isso implica dizer que, embora o fator socioeconômico não necessariamente determine a estrutura psíquica a qual um sujeito irá se sustentar, a presença de desvantagens concentradas, isto é, a superposição de privações, certamente poderá influenciar na maneira como as relações privadas e coletivas/o laço social se dará, haja vista que a cultura é um componente influenciador da subjetivação humana.

Diante desse cenário, são muitas as teorias que tentam assinalar interpretações acerca de sua ocorrência, sendo que muitas delas apresentam percepções antagônicas entre si, isso porque o tema da violência faz emergir constituintes que tocam inúmeras variantes do saber. A psicanálise, enquanto teoria e terapia metapsicológica, desempenha um importante papel no entendimento desse fenômeno, o qual compõe um panorama daquilo que o seu fundador assinalou como sendo um mal-estar inerente à civilização.

Isso importa dizer que a teoria psicanalítica enxerga questões como a criminalidade (delinquência e violência) para além do seu aspecto materializante, incidindo um olhar sobre o sujeito em seus aspectos pormenorizados, ou seja, englobando tanto os componentes externos (cerceamentos socioeconômicos), como os de ordem interna (sequelas psíquicas), o que fomenta um discurso que nos permite vislumbrar o delinquente/a delinquência a partir de uma compreensão que não se limita às determinações do senso comum, as quais, não raro, estão circunspectas exclusivamente em torno de preconceitos das mais variadas ordens.

Por sua vez, a literatura, enquanto registro subjetivo e histórico da civilização, desempenha um papel fundamental na compreensão da conjuntura psicossocial de seu tempo. Do ponto de vista psicanalítico, a linguagem, tanto a falada quanto a escrita, mostra-se como uma ferramenta privilegiada para a consumação de sua práxis. Isso porque, como bem salientou Freud, a literatura, por meio de sua linguagem fantasística, exerce trabalho similar ao dos sonhos, apresentando em suas narrativas a possibilidade do tecer e retecer dos fios do inconsciente. Para o fundador do argumento psicanalítico, a literatura guarda um saber ímpar e caro ao labor do analista, tendo em vista que tudo principia pela gnose do inconsciente, isto é, a partir das histórias “de ‘doentes’”. Uma história é, em seu gênero, uma ‘ficção’, mas na medida na qual nela se reflete a tragédia do mal neurótico, ela adquire valor de *Dichtung*<sup>2</sup>. Além disso, ela quer ‘dizer verdadeiramente’, ela toca a exigência de *Wahrheit*” (ASSOUN, 1990, p. 173 apud TEIXEIRA, 2005, p. 116, grifos no original).

Como reforça Bourlot (2010), em seu *A teoria freudiana da narrativa: a narração e suas questões específicas para a psicanálise*<sup>3</sup>, “no princípio era a história”, e essa poderia ser uma que caberia perfeitamente a uma introdução da psicanálise enquanto teoria e clínica, porque ela nasceu em decorrência de uma série de histórias, mais ou menos míticas, ficções do sujeito, que ficaram marcadas nas histórias de casos. Em outras palavras, pode-se asseverar que há em Freud, Klein, Winnicott etc. um núcleo narrativo que funda suas análises e delimita, em grande medida, os rumos de suas teorias e do próprio *setting* psicanalítico, ou seja, por meio da ficção oral ou escrita do sujeito, pode-se entender os porquês de seu ato de fala, os sintomas que operam na particularidade do indivíduo, bem como na cultura, na tessitura dos laços sociais.

Destarte, por meio da literatura o discurso do sujeito se presentifica, operando por meio dele uma importante via de subjetivação, a qual viabiliza qualquer empreendimento com vistas a tocar a matéria inconsciente que nos constitui. Sendo assim, a literatura assume, ela mesma, um importante papel também como elemento da cultura, tendo em vista abarcar componentes, “[...] histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Sua realidade transcende o texto para assumir o discurso, que conta,

---

<sup>2</sup> Termo usado na obra freudiana como referência à *verdade*. Foi empregada por Freud em muitas ocasiões para assinalar o compromisso da psicanálise com a história do paciente em sua essência. Uma passagem célebre em que o pai da psicanálise a utilizou foi: “E, finalmente, não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade, isto é, no reconhecimento de uma realidade, e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano.” (FREUD, 1972 [1937]).

<sup>3</sup> Título no original: *La théorie freudienne du récit: la narration et ses enjeux spécifiques pour la psychanalyse*.

minimamente, com as dimensões do enunciador, do enunciado e do enunciatário.” (RIBEIRO, 2000, p. 97).

Em outras palavras, enquanto produto sociocultural, a literatura nos permite observar em que estágio o processo civilizatório se encontra. Em se tratando da atual cena da literatura brasileira, vislumbra-se uma clara “[...] urgência da presentificação e [na] dominância do trágico, em angústia recorrente, com a inserção do autor contemporâneo na grande cidade, na metrópole imersa numa realidade temporal de trocas tão globais quanto barbaramente desiguais.” (RESENDE, 2008, p. 33). Nela, a violência e a criminalidade tornam-se elementos inerentes e basilares, como substratos das “profundas desigualdades sociais que marcam esse país e que se traduzem em violências de todo o tipo, da exclusão física à humilhação diária de integrantes de grupos marginalizados, passando ainda pelo não reconhecimento da força e da beleza de suas manifestações artísticas.” (DALCASTAGNÈ; EBLE, 2017, p. 11).

## **VIOLÊNCIA COMO SINTOMA DO LAÇO SOCIAL CONTEMPORÂNEO**

A violência é um elemento que, embora rechaçado pelo discurso civilizatório, pertence à arquitetura da condição humana e está presente em sua jornada evolutiva e histórica desde tempos imemoriais, dessa forma, afirmar que a violência e o teor agressivo da conduta humana são marcas próprias de nossa contemporaneidade seria incorrer, no mínimo, em um claro erro anacrônico, haja vista que a história já nos apresentou inúmeros momentos de vislumbre do grau de barbárie que o ser humano poderia atingir, sendo alguns deles de uma atrocidade impensáveis à realidade de nossos dias.

Freud (1915 [1974]), em seu *Reflexões para os tempos de guerra e morte* assinala o fato de que a violência compõe a história humana desde os primeiros contatos entre um indivíduo e outro, mostrando que a existência desse fenômeno que também circunscreve a dinâmica dos laços faz parte da gênese disso que nomeamos como civilização, destacando que se foi necessário instituir leis que, simbolicamente, impediriam a mútua agressão e/ou extermínio entre os seres sociais, é porque a agressividade que o integra responderia como uma ameaça a existência do coletivo. Nas palavras do autor:

A própria ênfase dada ao mandamento "Não matarás" nos assegura que brotamos de uma série interminável de gerações de assassinos, que tinham a sede de matar em seu sangue, como, talvez, nós próprios tenhamos hoje. Os esforços éticos da humanidade, cuja força e significância não precisamos absolutamente depreciar, foram adquiridos no curso da história do homem; desde então se tornaram, embora infelizmente apenas em grau variável, o

patrimônio herdado pelos homens contemporâneos. (FREUD, 1915 [1974], p. 335).

Todavia, quando se assevera que a hodiernidade vislumbra um grau de violência cuja temeridade causada coloca os eventos passados de nossa história um passo atrás nas ponderações do caráter destrutivo humano, certamente estamos apontando para o fato de que a diferença entre as manifestações de violência passadas e contemporâneas traduz-se na observação de que não se trata apenas de uma ocorrência hiperbólica da violência, como assinala Badiou (2012), ao dizer que este século possui um furor mortífero, mas, outrossim, como algo indubitável do discurso social, seja na particularidade do sujeito, seja na sua ação coletiva, tanto explícita quanto anônima.

Isso importa dizer que vivenciamos um momento de nossa trajetória civilizatória em que há múltiplos discursos, patentes ou implícitos, que inscrevem as diversas configurações da violência sob uma ótica de permissividade, validando-as em certa medida a partir de certo trabalho publicitário, ideológico, político etc., o que acaba por (re)configurar, sobremaneira, o modo como se dá a tessitura dos laços no contexto social, tendo em vista que os dispositivos da cultura tem forte influência no processo de subjetivação.

Conforme citamos em trabalhos anteriores<sup>4</sup>, Freud (1930 [1929]), fundador do método psicanalítico e um dos pesquisadores mais influentes do século XX, ponderou que o ser humano possui, de forma inata, tanto uma pulsão de vida, voltada, entre outras coisas, para o estabelecimento das relações interpessoais, quanto uma pulsão de morte, a qual conduz o sujeito, dentre outros, à eliminação das tensões, sendo a violência uma das vias para tal finalidade. O célebre psicanalista argumenta que o que diferencia a agressividade humana da dos demais animais é o fato de que a nossa é talhada, ou deveria ser, na ordem social, que estaria a serviço do processo civilizatório, filtrando e articulando os limites de nossas pulsões no constructo social (SILVA; RODRIGUES, 2014, p. 251), isto é, dessemelhante aos outros animais, o ser humano possui inúmeros mecanismos, ora anímicos, ora estabelecidos pelo próprio homem, com a finalidade de operar sobre os aspectos animais/antissociais de nossa natureza.

Todavia, diante da incapacidade cada vez mais acentuada de os sujeitos lidarem com os impasses entre as demandas de sua natureza sexual e agressiva, e os cerceamentos *sui generis* da vivência social, Freud (1930) pontua, por meio do aforismo do dramaturgo romano

---

<sup>4</sup> Refiro-me à dissertação de mestrado intitulada *Literatura e Violência: efeitos do desmentido na contística de Rinaldo Fernandes*.

Plauto — e que ficou mais conhecida por meio do filósofo britânico Thomas Hobbes — *Homo homini lupus* (“o homem é o lobo do homem” em tradução literal), cujo argumento ele desenvolve em uma passagem de *O Mal-estar na Civilização*, onde afirma que:

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus*. Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção? Via de regra, essa cruel agressividade espera por alguma provocação, ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas. Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, ela também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho. (FREUD, 1974 [1930], p. 133).

A partir dessa consternadora premissa, é possível alargar o entendimento psicossocial do discurso psicanalítico freudiano em torno de como o atual estado da cultura se distancia dos seus precedentes históricos, haja vista que a evolução do processo civilizatório deveria, cada vez mais, sinalizar para um convívio pacífico entre os indivíduos, algo que claramente não ocorre de forma contundente na contemporaneidade, cujo cenário de reacionarismo, fomento e proliferação de incontáveis formas de violência sinaliza, de forma acentuada, para a dissolução da premissa fundante do esteio social, a qual Freud sintetizou ao afirmar que “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança.” (p. 137).

Em outras palavras, a psicanálise aponta para a violência entre os sujeitos como uma evidente marca da debilitação dos alicerces que sustentam o convívio comunitário, isso em função de que a violência, na ótica psicanalítica, constitui um *sintoma* da ruptura do laço social. Esse sintoma ganha contornos mais claros no atual panorama das relações humanas quando se percebe que a violência vem ganhando *status* de discurso orientador de determinados grupos/ideologias, as quais, não raro, partem de uma hierarquização das posições sociais, onde os privilegiados e simbolizadores da padronização dos corpos, dos



costumes e da sexualidade infligem sobre os que não se encontram nesse escopo a marginalização de sua existência.

## SOB O SIGNO DA VIOLÊNCIA

A violência inscrita na contística de Rubem Fonseca é de uma ordem polimorfa, o que dificulta qualquer tentativa de estabelecer uma uniformidade em suas configurações. Todavia, é evidente que, de um ponto de vista macro, a violência codificada em sua literatura parece sempre caminhar sobre um escopo bem definido, o qual parece patentear essas manifestações como frutos de uma bifurcação proveniente do processo de sustentação dos sujeitos sociais frente ao mal-estar próprio da cultura, sobretudo nas sociedades cujo modelo econômico costuma favorecer o desequilíbrio das classes, isto é, a escrita de Fonseca entalha no papel o resultado dessa dicotomia de posições, que se resume no encontro entre a violência dos ricos e a violência dos marginais.

Na narrativa *O cobrador*, a violência é apresentada como sendo exercida pelos marginais, mas, em essência, a partir de um sentimento de reparação por parte de quem a pratica. O narrador-personagem, que também é o protagonista, lança-se em uma empreitada com vistas a infligir sobre vários indivíduos, privilegiados do seu ponto de vista, uma violência travestida de ajuste social, ou seja, a barbárie é imposta como um reparo desse sujeito marginalizado em relação aos que, por mais que não o conheçam, são responsáveis pela precarização de sua vida. Essa premissa já se apresenta desde os momentos iniciais do conto, onde o protagonista, cujo nome não é mencionado, munido de uma terrível dor de dente e de um revólver 38, recusa-se a pagar a conta por um procedimento odontológico. Ao ser confrontado pelo dentista, decreta de forma categórica: “Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!”. Em seguida, conclui a primeira de suas agressões da seguinte forma: “Dei um tiro no joelho dele. Deveria ter matado aquele filho da puta.” (FONSECA, 1989, p. 14).

Adiante, já anunciando sua ira em busca de restituição, o protagonista destaca um índice daquilo que a sociedade lhe privava e precisaria reparar, afirmando que “Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa”<sup>5</sup>. Essa passagem marca a sinalização do desamparo que provê no personagem o desencadeamento de seu itinerário de ódio. O desamparo, do ponto de vista psicanalítico, constitui um dos elementos mais paradigmáticos

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 163.

do processo de subjetivação humano, haja vista compreender um fato traumático que, ainda na infância arcaica, sinaliza no indivíduo a cisão narcísica primária, compelindo o bebê não apenas o reconhecimento da primazia de sua individualidade, mas, sobretudo, o fato de que é incapaz de SER/EXISTIR sem um outro, o qual, nesse momento crucial de sua vida, é representado pela figura materna.

Freud (1895 [1977]), desde as suas postulações preambulares, como é o caso do seu manuscrito *Projeto para uma psicologia científica*, já assinalava o quão importante é essa experiência no que se refere ao direcionamento comportamental do ser humano frente às suas demandas pessoais e, ulteriormente, no seu contato mais amplo com o mundo e os outros sujeitos sociais. Segundo nos orienta o célebre neurologista, o desamparo sublinha na imaturidade de nossa infância o sentimento de abandono primordial, onde experimentamos a clivagem fundante de nossa entrada no mundo, que será revivida durante todo o nosso percurso de maturação subjetiva, reconfigurando-se de acordo com as inúmeras abalroações provocadas pela experiência civilizatória.

Aludir essa experimentação notabilizada por Freud é fundamental para o entendimento do contexto anímico que induz as ações do protagonista do conto de Fonseca, porque percebe-se que ele particulariza o cenário de um indivíduo que, exaurido pela não conformidade entre as exigências e as recompensas instauradas pelo compromisso social, sucumbe diante de um estado de desamparo psíquico. Se a consequência do *savoir-faire* inscrito no desamparo inicial e em suas ocorrências pré-socializantes é um movimento do bebê em direção à criação de “deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção” (FREUD, 1927 [1974], p. 33), em *O cobrador*, deparamo-nos com um sujeito cuja crença nesses deuses, que não se limitam a figuras divinas, mas a todas as entidades regulatórias da própria da cultura, não mais se sustenta perante a fragilização de sua atuação enquanto ente do laço social, a qual é cingida por uma marginalização debilitante.

Aqui, cabe-nos a reflexão acerca do fato de que o protagonista da narrativa de Fonseca, pelo que o próprio texto nos oferece, não se trata de um ladrão, ou outra espécie de delinquente, antes do episódio ocorrido no consultório odontológico, e sim um homem cuja miserabilidade de condições, que se vê à mercê de muitas cobranças e poucas benfeitorias no âmbito das relações sociais, de quem muito já foi retirado e quase nada foi restituído, circunscreve uma demanda latente há muito reprimida. Observa-se, dessa forma, uma espécie de reação do protagonista diante da situação de angústia, que, como bem pontuou Freud (1926 [1976]) em *Inibições, sintomas e ansiedade*, constitui “por um lado, uma expectativa de um trauma e, por outro, uma repetição dele em forma atenuada” (p. 162). Diante da perenidade do

estado em que se encontra, o sujeito se percebe como acometido por uma experiência de desamparo permanente, privado de suas potencialidades e, sobremaneira, dos proveitos fundamentados, simbolicamente, no contrato civilizatório, irrogando-o uma revisita infundável da sensação de perigo de morte. A respeito dessa interpolação de sentimentos como mola propulsora da violência, Marin (1999) pondera que “O ato de violência se instaura quando o adulto atende o frágil ser desamparado que é um bebê recém-nascido, desiludindo-o da sensação nirvânica. Desenvolve-se assim a ideia da violência articulada à constituição do sujeito. (MARIN, 1999, p. 76).

O cobrador anônimo, frente ao estado de orfandade social, passa a atuar em forma de revide sob o manto do ressentimento, do ódio e, em especial, da violência, os quais se configuram para além do que podemos chamar de “crime comum”, já que suas ações não visam, em seu bojo, tomar do outro um bem capital, pecuniário, no intuito de passar a ter o que não tinha, “equilibrando” uma possível visão de balança societária, por exemplo, por meio de assaltos às suas vítimas (mesmo que ele, ironicamente, se coloque a todo momento como um justiceiro dos menos favorecidos e instituindo como alvos apenas aqueles que são abastados socialmente), mas uma literal passagem ao ato, onde sua performance tem como objetivo a eliminação completa daquilo que traduz a sua disposição de ansiedade, perigo e desamparo, que no caso da narrativa em questão, traduz-se na mais completa barbárie, já que todos os crimes que comete, que vão do estupro ao assassinato, são formas ímpias, hediondas e cruéis de dissolução da subjetividade alheia, algo que, na dinâmica perversa do personagem, parece-nos equivaler, metaforicamente, a uma atenuação de sua angústia, como ele mesmo deixa explícito ao afirmar que:

Quando satisfação meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar — dou pequenos uivos, grunhidos, sons inarticulados, mais próximos da música do que da poesia, e meus pés deslizam pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou um macaco. (FONSECA, 1989, p. 23).

Essa disposição ressentida do personagem pode ser testemunhada na passagem em que o protagonista toma por assalto um casal e, pouco antes de assassinar o marido e a sua esposa (grávida), deixa claro o seu profundo ódio por aqueles que possuem aquilo que não lhe foi permitido ter: “Nós não lhe fizemos nada, disse [o marido]. Não fizeram? Só rindo. Senti o ódio inundando os meus ouvidos, minhas mãos, minha boca, meu corpo todo, um gosto de vinagre e lágrima.” (FONSECA, 1989, p. 19-20). Logo em seguida, mesmo perante a súplica do marido, O cobrador comete um de seus atos mais vis, o qual demonstra, além da mensura

do ódio que o alimenta, que seus crimes não se tratam de um ressarcimento monetário, mas de posição de gozo. Diz o trecho:

Ela está grávida, ele disse apontando a mulher, vai ser o nosso primeiro filho. Olhei a barriga da mulher esguia e decidi ser misericordioso e disse, puf, em cima de onde achava que era o umbigo dela, desencarnei logo o feto. A mulher caiu emborcada. Encostei o revólver na têmpora dela e fiz ali um buraco de mina. O homem assistiu a tudo sem dizer uma palavra, a carteira de dinheiro na mão estendida. Peguei a carteira da mão dele e joguei pro ar e quando ela veio caindo dei-lhe um bico, de canhota, jogando a carteira longe. (FONSECA, 1989, p. 20).

A essa altura, parece-nos apropriado aludir dois aspectos modulares para a compreensão do mal-estar contemporâneo, os quais acreditamos darem, substancialmente, contornos à conflagração presente em *O cobrador* e que encontra lugar no repertório teórico de dois grandes nomes dos estudos do comportamento humano frente ao estado de desassossego na cultura. O primeiro diz respeito à máxima freudiana de que o ser humano, para que possa constituir um laço minimamente possível com o seu semelhante, precisa abdicar de grande parte de sua possibilidade de felicidade, isto é, renunciar à satisfação imediata e plena de suas demandas sexuais e agressivas, que são substituídas, parcialmente, por outros elementos socialmente aceitos. Esse “sacrifício”, segundo orienta Freud (1930 [1974], p. 119), é a base do que chamamos de projeto civilizatório. Por sua vez, Bauman (1998, p. 10) nos conduz para um entendimento de que “os homens e mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade”.

O aparente paradoxo apresentado pelos teóricos aponta não para um equívoco de uma das partes, mas para uma visão mais ampla daquilo que de mais crítico sublinha a fragilidade dos laços que compõem a cultura: o fato de que o ser humano encontra-se em uma perpétua contenda consigo mesmo defronte aos seus impulsos sexuais e hostis, onde o atual cenário de desajuste das relações acaba por sustentar ainda mais a já frágil crença nos dispositivos e entidades reguladoras, o que resulta, por um lado, numa crescente de fenômenos como o individualismo e o consumismo patológicos, e, do outro, na conseqüente desvalorização da alteridade alheia, os quais podem ser claramente evidenciados na tessitura dos vínculos na atualidade, chamada por muitos de pós-modernidade. O cobrador registra esse amálgama em seu curto, porém hediondo trajeto, como uma alegoria da falência do contrato social; esse que, desde o primeiro contato interpessoal entre os sujeitos, tenta salvaguardar o seu projeto comunitário, o qual, por sua vez, como corrobora Siqueira (2009), configura-se:

[...] como um engodo, porque parte da premissa de que nós formamos uma sociedade, uma associação na qual cada sócio participa, cedendo um pouco, em nome do bem comum, onde cada um abre mão da satisfação pulsional e, assim, participa da sociedade, da construção de um coletivo. (SIQUEIRA, 2009, p. 224).

O protagonista do conto de Fonseca, como registro literário dessa caoticidade das relações de poder, transita do lugar de cobrado para o daquele que exige remissão, o que é realizado não por aqueles que ele sabe que não possuem o compromisso com as suas exigências sociais e anímicas, mas por suas próprias mãos, já que todos eles (suas vítimas) são signos que corroboram para o seu sentimento de impotência face à circunstância em que se encontra, que aponta para o fenômeno, assinalado por Salles e Ceccarelli (2012), da ruína da subjetividade interiorizada na organização dos sujeitos. Nem o encontro com a personagem Ana, com a qual passa a manter um romance, mostra-se como um momento de retração de sua investida, haja vista encontrar nela não uma figura que lhe permitisse sublimar seus impulsos agressivos, mas uma auxiliar para a concretização de seus objetivos. Ana não demonstra medo do protagonista, impondo-se sem qualquer receio ao ideário do cobrador, o que acaba por proporcionar, ironicamente, uma elevação do ódio através do amor que passa a uni-los. A partir desse encontro, extingue-se o solitário percurso perverso do protagonista, o que a teoria psicanalítica nomeia como montagem, isto é, a perspectiva em que um sujeito se encontra com outro e, diante desse encontro, tem-se não um movimento de julgamento de seus comportamentos, mas progressão de suas possibilidades de gozo, por mais destrutivas que sejam (CLAVREUL, 1990). O protagonista passa a ter naquela figura feminina uma parceira na cena perversa, ampliando consideravelmente a dimensão de sua violência, de sua “justiça” atroz, algo notabilizado na passagem em que o protagonista afirma que:

Ana Palindrômica saiu de casa e está morando comigo. Meu ódio agora é diferente. Tenho uma missão. Sempre tive uma missão e não sabia. Agora sei. Ana me ajudou a ver. Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. Ana me ensinou a usar explosivos e acho que já estou preparado para essa mudança de escala. Matar um por um é coisa mística e disso eu me libertei. (FONSECA, 1989, p. 28).

Há nesse encontro entre os personagens uma sinalização da essência do funcionamento perverso enquanto montagem, isso porque o conflito do protagonista em relação a uma demanda de desejo que exige satisfação, mas que aponta, necessariamente, para a falta, encontra em Ana certa sustentação, que lhe permite reforçar a ilusão de um gozo pleno, típico nas manifestações de ordem perversa. Essa companheira que não se embarça

frente aos atos d'O cobrador, permite-lhe a sensação simbólica de uma “vitória sobre a falta”, já que ele passa a ter ao seu lado uma mulher que reafirma seu desígnio, não sendo necessário na atuação perversa do protagonista, como outrora, ser estuprada para indicar o triunfo sobre a sua privação. Todavia, vale salientar que, como em toda relação que se esteia na perversão, seja ela numa montagem social ou na formação do casal perverso, nota-se a existência de uma distinção entre quem domina e de quem é dominado, embora, como fachada, acredite-se que ambos gozem equanimemente, assim como expõe Clavreul (1990, p. 134) ao esclarecer que “há em qualquer ato perverso algo parecido com o estupro, no sentido de que é importante que o outro seja arrastado contra a sua vontade numa experiência que se inscreve em falso com relação a todo um contexto”.

O desfecho de *O cobrador* vocifera a ascensão do ódio de seu protagonista, bem como os efeitos de sua manifestação perversa no engenho do ato que ele mesmo categoriza como aquele que mudará o *status* de sua vida, de sua condição perante o mundo. Certo de que seus assassinatos seriais não conseguem evidenciar sua (in)existência aos olhos da sociedade, parte para a violência em massa, o extermínio coletivo, assim como descrito no trecho “Serão mortos por uma bomba de alto poder explosivo. Adeus, meu facão, adeus meu punhal, meu rifle, meu Colt Cobra, adeus minha Magnum [...]. Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio, não serei apenas o louco da Magnum.” (FONSECA, 1989, p. 28), o que demonstra o vínculo do caráter autodestrutivo do comportamento perverso, já que o expõe a um maior risco de ser pego ou morto, à necessidade de uma busca cada vez mais intensiva de gozo:

Leio para Ana o que escrevi, nosso manifesto de Natal, para os jornais. Nada de sair matando a esmo, sem objetivo definido. Eu não sabia o que queria, não buscava um resultado prático, meu ódio estava sendo desperdiçado. Eu estava certo nos meus impulsos, meu erro era não saber quem era o inimigo e por que era inimigo. Agora eu sei, Ana me ensinou. E o meu exemplo deve ser seguido por outros, muitos outros, só assim mudaremos o mundo. É a síntese do nosso manifesto. Ponho as armas numa mala. Ana atira tão bem quanto eu, só não sabe manejar o facão, mas essa arma agora é obsoleta. Damos até logo à Dona Clotilde. Botamos a mala no carro. Vamos ao Baile de Natal. Não faltará cerveja, nem perus. Nem sangue. Fecha-se um ciclo da minha vida e abre-se outro. (FONSECA, 1989, p. 29).

O manifesto escrito pelo protagonista não tem o seu conteúdo lido, pois, ao que tudo indica, assim como fez com o nome daquele que o redigiu, Fonseca optou por não os colocar como atos distintivos, e sim o conteúdo simbólico que os encera. Seja *O cobrador*, seja seu manifesto, o que se tem de mais importante é a representação da babel social que se encontra cada dia mais robustecida pela lógica do individualismo, do consumo exagerado e da

indiferença de certos indivíduos em relação à dor do outro, os quais promovem o que há de mais paradoxal na dinâmica social: a promoção de uns e o quase que completo apagamento de outros. O efeito de horror provocado pela narrativa de Fonseca não acontece sem motivo. Ao nos apresentar um personagem cujos atos de violência avultam-se pela extrema crueldade, o autor induz à reflexão de que se somos atingidos pela sensação de aterramento através dos atos narrados, deve-se ao fato de que somos privilegiados por não os vivenciar de maneira textual em nosso cotidiano, diferentemente de muitos que, assim como O cobrador, são marginalizados, preteridos, apagados de uma condição de paridade cidadã com aqueles que, mesmo os vendo, não os enxergam como pares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é um fenômeno que acompanha o percurso civilizatório desde o seu engendramento, não sendo própria de um determinado período histórico, o que contribui para o entendimento de como ela compõe a natureza humana em seu cerne, assim como, entre outras coisas, para a certeza de que, se a nossa entrada no corpo social já nos impõe um grande sofrimento, a manutenção dos fundamentos que viabilizam os laços se torna algo ainda mais dificultoso, haja vista que o ideal de que a civilização nos oferece segurança, igualdade de oportunidades e outros meios para a obtenção de substitutos culturais para as satisfações imediatas das quais abdicamos em nome da possibilidade de convivência em sociedade mostra-se, cada vez mais, frágil, duvidosa e incapaz de cumprir a sua promessa fundadora. É observando esse cenário que teóricos como Freud (1930), ainda nas primeiras décadas do século passado, salienta o permanente estado de vigília em que a sociedade se encontra, cuja necessidade já fora assinalada em inúmeros momentos do itinerário histórico humano, onde o próprio ser humano mostrou-se capaz das maiores atrocidades em nome de projetos de poder, de concretização de suas demandas pessoais, não importando os efeitos sobre aqueles que são impotentes diante de sua conduta.

É nesse enquadre que o conto *O cobrador*, de Rubem Fonseca, situa-se na condição de registro do atual momento do mal-estar presente na sociedade, mais especificamente na brasileira, que é carregada de particularidades que expressam de forma acentuada essa lógica da disparidade entre os sujeitos, da precariedade dos laços e da impossibilidade da sociedade de oferecer segurança e justiça social para os seus membros, os quais, diante dessa incapacidade civilizatória, como o protagonista da narrativa de Fonseca, fazem da violência um “instrumento, praticamente único, de desfazer a injustiça, contrariando os mecanismos

sociais de adestramento e anulação massiva.” (LACERDA NETO, 2013, p. 2), de modo a ver quitada a dívida instaurada pela falha no compromisso da sociedade em atender as necessidades mínimas dos sujeitos que a mantém, configurando-se “uma ruptura com a inércia, o engendramento da justa proporção, a tentativa de consolidação do reequilíbrio da balança”<sup>6</sup>, também frente àqueles que simbolizam a discrepância de sua subjugação, mesmo que, para isso, a violência se torne o fio condutor da ação.

Dessa forma, *O cobrador* nos permite observar como a violência do/no cotidiano também integra a performance do funcionamento dos sujeitos, onde Rubem Fonseca, por meio de sua escrita feroz e carregada de ironia, põe a violência como resposta ao não cumprimento do contrato social fundante e regulador da civilização, averbando, assim como assinalamos no decorrer deste trabalho, como alguns indivíduos não suportem a caoticidade entre o que oferecem e o que recebem, tendo como efeito o que podemos chamar de cenário de *desmentido social*, ou seja, numa atuação perversa que faz da vítima o algoz, como aparente tentativa desses sujeitos, como O cobrador, de inverter a lógica de exclusão e exceção dos indivíduos na sociedade, que também almejam experimentar a posição de gozo a eles circunscrita, mas cujo imperativo, infelizmente, direciona para uma inevitável substanciação do laço perverso. (PEIXOTO JUNIOR, 1999).

## REFERÊNCIAS

BADIOU, A. *O século*. São Paulo: Editora Ideais e Letras, 2012.

BOURLLOT, G. *La théorie freudienne du récit: la narration et ses enjeux spécifiques pour la psychanalyse*. Oxymoron, Université Côte d’Azur, 2010, Création(s)-Sujet(s). Penser la clinique. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-03649151/document>. Acesso em: 25 mar. 2022.

CANDIDO, A. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CLAVREUL, J. *O desejo e a perversão e outros*. São Paulo: Papyrus, 1990.

COUTINHO, A. *O erotismo na Literatura: o caso Rubem Fonseca*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.

DALCASTGNÈ, R; EBLE, L. J. Apresentação. In: DALCASTGNÈ, R; EBLE, L. J. (orgs.). *Literatura e Exclusão*. Porto Alegre, RS: Editora Zouk, 2017. p. 11-14.

FONSECA, R. *O cobrador*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

---

<sup>6</sup> Ibidem.



FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. I. Trad. sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1895].

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Trad. sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1915].

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Trad. sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1927].

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Trad. sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1929/1930].

FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIV. Trad. sob a supervisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1937].

LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1950].

LACERDA NETO, A. A. A transfiguração da violência: amor e ódio em O cobrador. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 13., *Anais...* Campina Grande, PB, 2013. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013\\_1434328646.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434328646.pdf). Acesso em: 30 jul. 2022.

LUCAS, F. *O caráter social da literatura brasileira*. São Paulo: Quirón, 1976.

MARIN, I. S. K. Sujeito, desamparo e violência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 2, n. 3, p. 75-88, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/mqBf4wJZb9gtBppTTDGL33B/?lang=pt>. Acesso em: 02 ago. 2022.

MENDES, F. M. Linguagem da violência e realismo literário à brasileira. In: MENDES, F. M. *Realismo e violência na literatura contemporânea: os contos de Famílias terrivelmente felizes*, de Marçal Aquino [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 37-93. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/32yjm/pdf/mendes-9788579837005-04.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2022.

RAWLS, J. *A Theory of justice*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1971.

PEIXOTO JUNIOR, C. A. *Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre perversão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

RESENDE, B. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da palavra/Biblioteca Nacional, 2008.

RIBEIRO, L. F. *Geometrias do Imaginário*. Santiago de Compostela: Edicións Laidvento, 2000.

SALLES, A. C. T. C.; CECCARELLI, P. R. Angústia, separação e desamparo na clínica contemporânea. *Estudos de Psicanálise*, n. 38, p. 23-28, dez. 2012. Disponível em: <http://www.cbp.org.br/n38a03.pdf> Acesso em: 02 ago. 2022.

SILVA, F. L.; RODRIGUES, H. F. As faces do lobo: dimensões do desejo perverso. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA, 2., ARAGÃO, M. S. S. (org.) *Anais....* João Pessoa: Mídia, 2014.

TEIXEIRA, L. Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 115-132, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v9n16/v9n16a08.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2022.